



# ACONTECE NA CIDADE

Boletim Cultural da Cidade do Rio de Janeiro - ano 2 nº 19 - Fevereiro de 2005 - Gratuito

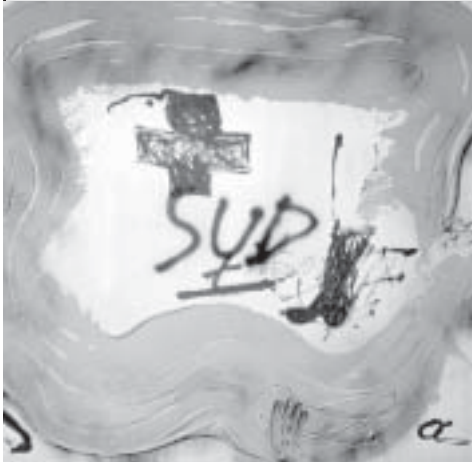
## A FESTA DO OSCAR

Os cinco indicados a melhor filme na premiação mais importante do cinema estréiam em fevereiro no Rio. O favorito, *O Aviador*, com Leonardo di Caprio, concorre a 11 estatuetas. *Em Busca da Terra do Nunca*, com Johnny Depp no papel do escritor escocês criador de Peter Pan, e *Menina de Ouro*, de Clint Eastwood, têm sete indicações cada um. O drama biográfico *Ray*, que leva às telas a vida de Ray Charles, está na disputa em seis categorias, e *Sideways (Entre Umas e Outras)*, em cinco. A entrega do Oscar acontece dia 27 de fevereiro.

(Cinema – pág. 09)



## Antoni Tàpies no CCBB



Divulgação

Considerado um ícone da arte espanhola, ao lado de Picasso, Dali e Miró, Antoni Tàpies expõe pela primeira vez no Rio. São 100 trabalhos entre gravuras, pinturas e pôsteres, reunidos no CCBB a partir do dia 1º de fevereiro. Aos 81 anos, o artista continua criando, e é um dos precursores da pintura matérica.

(Artes – pág. 12)

## Combinação perfeita

A voz marcante e as palavras do Poetinha. Uma mistura que promete emocionar no espetáculo que Maria Bethânia leva ao Canecão a partir do dia 24 de fevereiro. Ela comemora 40 anos de carreira cantando as músicas inesquecíveis de Vinicius de Moraes.

(Show – pág. 4)

Ricardo Poock





## Expediente

### Diretor-Executivo

Ricardo Oliveira Castro - MTB 22333

### Editora Responsável

Fernanda Moreira - MTB 19652

### Projeto Gráfico

Estratégica Comunicação

### Diagramação

Ligia Moreira

### Colaboraram nesta edição:

Amorim

Antônio Torres

Gloria Castro

Jorge Salomão

Leonardo Luiz Ferreira

Luis Pimentel

Martinho da Vila

Paulo Raider

Sérgio Britto

### Comercial

Ricardo: 9666-5469

E-mail para contato:

acontecenacidade@br.inter.net

© 2003 - Todos os direitos reservados. A opinião dos colaboradores é de responsabilidade dos mesmos. É proibida a reprodução do conteúdo desta publicação em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem a autorização expressa dos editores.

## Índice

|                   |        |                       |         |
|-------------------|--------|-----------------------|---------|
| Editorial .....   | pág. 2 | Cinema.....           | pág. 9  |
| Antônio Torres... | pág. 3 | Video/DVD .....       | pág. 10 |
| Literatura .....  | pág. 3 | Sérgio Britto .....   | pág. 11 |
| Show .....        | pág. 4 | Artes Plásticas ..... | pág. 12 |
| Luis Pimentel ... | pág. 5 | Martinho da Vila ...  | pág. 13 |
| Teatro .....      | pág. 6 | Televisão .....       | pág. 14 |
| Jorge Salomão     | pág. 7 | Fotografia .....      | pág. 14 |
| Sétima Arte ..... | pág. 8 | Aconteceu .....       | pág. 15 |
|                   |        | Paulo Raider .....    | pág. 16 |

## Editorial

**D**ia 10 de fevereiro: dia dos 70 anos de um dos maiores cantores do Brasil. O ACONTECE NA CIDADE parabeneza Cauby Peixoto, figura marcante, de voz e estilo inconfundíveis. Cauby nasceu em Niterói e começou a cantar no coro da igreja que freqüentava com a tia. Aos 16 anos, gravou o primeiro disco. Como era alto e a pouca idade o atrapalhava para se apresentar na noite, começou a dizer pra todo mundo era três anos mais velho.

E cantou, cantou... Mas a guinada na carreira veio em 54, com a música *Blue gardênia*, versão em português de um grande sucesso de Nat King Cole. O jeito só dele de cantar e de se vestir levou as fãs à loucura e elas chegavam até a rasgar as roupas do ídolo. Fez muito sucesso na época de ouro do rádio e em 56 gravou *Conceição*, uma de suas marcas registradas.

Valeu, Cauby!





**Antônio  
Torres**

3

## O Carnaval dos canibais

Não tinha data certa para acontecer, pois nem calendário havia. O tempo era contado por luas. Sua preparação levava uns três meses, com rigor militar. A festa era um assunto de guerra, ou seja, a comemoração espetacular de uma vitória nos campos de batalha. E durava muitas horas. Cantava-se, dançava-se, comia-se à tripa forra e enchia-se a cara com uma birita extraída do milho, e que se chamava *cauim*. Todos os amigos e vizinhos, das aldeias próximas às mais distantes, eram convidados. Assim os seus organizadores garantiam a presença de um público de mais de quatro mil pessoas. Os folguedos terminavam com um banquete. De carne humana.

Os rituais canibalísticos eram a celebração da coragem do inimigo vencido. Ao devorá-lo, os vencedores estariam recuperando as energias despendidas nos combates. Por isso os prisioneiros iam para o sacrifício de cabeça erguida. Questão de honra. O justicamento dos perdedores era uma convenção milenar, que não admitia choro nem apelação. Todos sujeitavam-se ao tacape corajosamente. Assim, a execução fazia sentido e a carne do executado tinha valor.

Os tupinambás, o velho povo do Rio de Janeiro que aqui vivia há 15 ou 20 mil anos

antes dos brancos chegarem, costumavam tratar as suas vítimas com algumas formalidades. Primeiro, os prisioneiros passavam por um período de engorda e cuidados especiais, como o oferecimento de mulheres. Depois, eram colocados no centro de uma roda, para participarem dos ensaios das cantorias para a grande cerimônia já em preparação. A seguir, eram interrogados e respondiam a todas as perguntas com altivez. Exemplo: - Sim, como convém a homens corajosos, partimos com o fim de aprisionar e comer vocês. Agora conseguiram vencer e nos aprisionar, mas isso pouco importa. Homens valorosos morrem na terra de seus inimigos.

Quando chegava o grande dia, os prisioneiros enfeitavam-se de plumas como os outros, bebiam, cantavam, dançavam e, amarrados ao meio por uma corda, desfilavam por toda a aldeia, jactando-se de suas proezas no passado. As mulheres ofereciam-lhes pedras. - Vinguem-se! - elas exclamavam. Então eles atiravam as pedras sobre a multidão. Isso fazia parte do programa. Pensando bem, não é à-toa que os índios são sempre lembrados no carnaval, que nunca deixou de ter um simbolismo antropofágico. Olha o festival de carne aí, minha gente!



## Literatura

### Longe dos dogmas

#### Um retrato humano de Santa Rita e Santa Teresa

Devoção - cada um tem a sua - e os que gostam de Santa Rita e de Santa Teresa poderão conhecer a vida delas com os dois volumes da nova coleção da Objetiva, que pretende mostrar a história dos santos a partir de uma perspectiva humana, sem dogmas religiosos. *Rita, a santa do impossível* e *Teresa, a santa dos apaixonados* foram escritos respectivamente, por Juan Arias (correspondente no Brasil do jornal *El País* e por 14 anos no Vaticano) e Rosa Amanda Strausz (premiada com o Jabuti e autora de livros para adultos, jovens e crianças).

*Rita, a santa do impossível* conta a tra-

jetória desta mulher que cresceu numa família de pacificadores e, com seus pais, tentava dar fim às famosas *vendetas*, que, ao contrário da maioria das santas canonizadas que passaram a vida dentro dos muros de um convento, desfrutou uma vida comum antes de entrar no monastério: foi noiva, casada, mãe e viúva. *Teresa, a santa dos apaixonados* relata a história de como a rica e bela Teresa D'Avila transformou-se em Teresa de Jesus, nascida na Espanha barroca e inquisidora do século XVI, que entrou para o convento das carmelitas com a morte da mãe, aos 20 anos. (G.C.)



Divulgação





## Show

4

### Bethânia canta Vinicius

Cantora comemora 40 anos de carreira com homenagem ao Poetinha

A partir do dia 24 de fevereiro, Maria Bethânia apresenta no Canecão o repertório do novo disco, *Que falta você me faz*, com canções de Vinicius de Moraes em parcerias com Antonio Carlos Jobim, Garoto, Chico Buarque, Carlos Lyra, Baden Powell e Toquinho. O espetáculo comemora os 40 anos de carreira da baiana.

O CD em homenagem ao Poetinha (1913-1980) mistura canções e faixas com versos declamados pela cantora. Traz *Bom Dia Tristeza*, parceria de Vinicius com Adoniran Barbosa, de 1957; *O Astronauta*, uma das primeiras parcerias com Baden Powell, de 1963; *Monólogo de Orfeu*, com Tom Jobim, de 1956; *Gente Humilde*, com Chico Buarque e Garoto; *Tarde em Itapoã*, com Toquinho, entre outras. O espetáculo tem direção de Bia Lessa, cenários de Gringo Cardia e luz de Maneco Quinderé. Os shows acontecem do dia 24 a 27 de fevereiro e segue temporada em março (G.C.)

Ricardo Pook



### Ismael Silva: 100 anos de samba

Compositor tem obra revisitada

Oitenta músicas que representam o que há de mais genuíno para o samba e sua história celebram o centenário do compositor Ismael Silva, no Centro Cultural do Banco do Brasil. O ciclo *Ismael Silva: Deixa Falar*, revê a obra do autor de *Antonico* e de *Se você jurar* por intérpretes veteranos e jovens, nos dias 1º, 14 e 22 de fevereiro e 1º de março, às 12h30min e às 18h30min. Para interpretar Ismael e seus parceiros, reúnem-se a cada semana, Elton Medeiros e Cláudio Nucci; Fátima Guedes e Flávio Bauraquí; Monarco, Teresa Cristina e Pedro Miranda, além de Mônica Salmaso e Cláudio Jorge.

Ismael da Silva nasceu em Niterói RJ em 14 de Setembro de 1905, mudando-se para o Estácio e para vários outros bairros do Rio de Janeiro. Aos 15 anos compôs *Já desisti*, seu primeiro samba. Vendeu sambas para Francisco Alves: *Me faz carinhos*, *Amor de malandro*, *Não há*, *Nem é bom falar* e o grande sucesso *Se você jurar*, lançado em 1931 pela dupla Francisco Alves - Mário Reis. Em 1928, com sambistas do Estácio, fundou a Deixa Falar, a primeira escola de samba do

Rio de Janeiro. Compôs com Noel Rosa, e teve suas canções interpretadas por Francisco Alves, Mário Reis, João de Barros, Sílvio Caldas e Carmen Miranda. Morreu no Rio de Janeiro em 14 de março de 1978. (G.C.)

Divulgação/Mário Luiz Thompson





## Luís Pimentel

### Paixão na avenida

Saio do Sambódromo na madrugada de terça-feira, depois de ver o desfile da última escola de samba da segunda, e me dirijo à estação do Metrô na Praça Onze. Na fila dos bilhetes, o folião me aborda, lata de cerveja na mão e cigarrinho apagado no canto da boca:

– Tu conheces a Doralice?

– Só a do samba: “Doralice, eu bem que te disse, que amar é tolice, é bobagem, é ilusão”.

– Falo sério, meu chapa. Doralice parece mulata do Lan, tu manja? Sorriso lindo, todos os dentes na boca, peitinhos de amora, coxas de italiana, balaio grande...

Estava musicalmente inspirado, atrolei novamente:

“Mexia um balaio grande, muito mais macio que o boto cor-de-rosa do Custeau”.

– E como é que tu sabes?

– Isso é de outro samba. Fala mais de Doralice.

– Conheci domingo, no desfile da Mangueira.

– Como diria o grande Wilson das Neves, “ô, sorte!”.

– E perdi ontem, no embalo da Mocidade.

Adoro essas histórias, desde menino. Vivia pedindo para minha mãe recontar o drama de um corno amigo, que se ajoelhou diante da infiel, aos prantos: “Volta, amor. E traz quem tu quiser contigo”. Quis saber como é que foi:

– Como ganhei ou como perdi?

– As duas. O importante é competir.

O folião não regateou:

– Ganhei de um sambista desatento, que marcou bobeira. E perdi para uma loura de cinema, que encostou no meu patrimônio, como quem não quer nada, e prometeu vaga de rainha de bateria pro ano que vem.

– E Doralice?

– Foi. A essa altura, já deve estar ensaiando com a louraça.



Parabéns, Carnaval do Rio – força da natureza que resiste à ação predatória de tantos bichos e tantos bicões.

**PORTUGUESE FOR FOREIGNERS**

**TRANSLATION SERVICES**

- Inglês - Português - Inglês
- Versão e Tradução Especializada
- Artigos, textos acadêmicos, currículos, resumos, outros

www.portugueselanguage.pro.br  
rjmayer@portugueselanguage.pro.br

**2540-9891**

**Ricardo Pook**  
**Fotografia Profissional**

Aniversário, Batizado, Reportagens,  
Feiras e Eventos em geral.  
pook@domain.com.br  
2527-5519 / 9666-5469



# Teatro

6

## Conversas ao redor da mesa

### Companhia Brasileira de Teatro encena peça sobre o cotidiano

Divulgação/Ricardo Almeida



Um discurso atual, revelado numa seqüência condensada de frases curtas, interrompidas, repetidas e re-significadas numa espécie de partitura dramática e bem humorada do cotidiano. Essa é a proposta da peça *Suíte 1*, do autor francês Philippe Minyana, que a premiada Companhia Brasileira de Teatro estreia dia 17, no Espaço SESC, em Copacabana. O texto inédito no Brasil foi criado especialmente por Marcio Abreu, diretor da companhia, para a Semana da França, e fica em cartaz até o dia 27 de fevereiro.

Sem enredo linear, o texto propõe situações numeradas de conversa e refeição, nas quais um homem e cinco mulheres são

os porta-vozes dos discursos aparentemente banais, dos diálogos reconhecíveis nos papos repetidos a cada dia ao redor da mesa, das inquietações identificadas no cotidiano das pessoas comuns. No elenco estão Ranieri Gonzalez, Christiane de Macedo, Thais Tedesco, Giovana Soar, Chiris Gomes e Nadja Naira. Um dos mais importantes autores franceses contemporâneos, P. Minyana escreve para o teatro – já traduzido para mais de vinte idiomas –, ópera, peças radiofônicas, roteiros para cinema e telefilmes. A Companhia Brasileira de Teatro foi fundada em 1999 por Marcio Abreu, ator, dramaturgo e diretor, em Curitiba, reunindo profissionais para criar espetáculos e processos. **(G.C.)**



Video Locadora

# PARADISE

13 anos de fortes emoções

- CLÁSSICOS • CULTS • NACIONAIS •
- EUROPEUS • FILMES GLS • DVD •
- LANÇAMENTOS •

[www.paradisevideo.com.br](http://www.paradisevideo.com.br)

☎ 2255-1025 ☎ 2257-2315 ☎

Segunda à sábado de 10:00 às 22:00h.  
Domingo de 14:00 às 20:00h

Rua Figueiredo Magalhães, 581/C  
Copacabana

**PROCURADO**  
Você tem boa  
comunicação e  
vontade de trabalhar?



Seja um Contato Publicitário  
Recompensa: comissões de 20%  
sem horário nem metas para cumprir  
**LIGUE:**  
2527-5519 / 9666-5469 - Ricardo





## Jorge Salomão

*“Como posso com lama até os olhos  
conservar limpas as unhas nas pontas  
dos meus dedos?”*

— Bertolt Brecht

Que tempo esse / em que pausa/  
em que tom tudo se passa? / olhando  
tudo de um lado para o outro / sentindo  
a esperança / onde?/ quando? / a vida  
/ os retratos / as gentes / as alegrias /  
os dramas / as tragédias / as partidas.



É verão. Um calor danado. Estou  
tonto, paralisado, pensando. O que  
será que acontecerá? Alguma  
surpresa? Alguma luz? Na vida a gente  
não está preparado pra nada. A gente  
vai tomando cacetada, porrada e por  
incrível que pareça, a gente vai  
aprendendo nesse turbilhão de  
qualquer jeito, moldando experiências  
e por aí a coisa vai...

As notícias nos jornais deixam  
manchas pretas nos meus dedos da  
mão. Lavo-as com sabão na água  
corrente. Estou sozinho no meio do  
deserto e o deserto sou eu mesmo. Não  
vamos deixar que a violência ganhe da  
beleza. A paisagem excessivamente  
bela da cidade do Rio de Janeiro com  
suas sinuosas curvas me levantam e  
começo a gritar por um mundo melhor!



E o futuro será monstruoso? Con-  
fesso-me espantado com o quadro de  
absurdidades e conservadorismos que  
se propaga pelos quatro cantos do  
planeta. Interessa a quem a bru-

talidade e a violência do presente? A  
muitos e a ninguém. E isso é o  
problema. Chega de intolerâncias e  
absolutismos. O humano é a surpresa  
dele mesmo nesse universo onde  
vigora a plantação da vida. O mundo  
explode cego tem que atingir a visão.  
A cara aparecendo por entre os  
escombros na urgência. Avançar sobre  
os problemas, de frente. Será que no  
mundo de hoje nada mais ecoa de um  
jeito que seja bom para o humano?

Os reacionários e corruptos do  
mundo inteiro clamam por mais  
ignorância, mais racismo, mais  
censura, mais fome, mais fascismo,  
mais AIDS, etc. O que é isso? Como  
será o futuro? A cada dia assiste-se  
a um quadro mais aterrorizador da  
bestificação geral do homem  
contemporâneo, do meio ambiente,  
da saúde, da vida, do amor, do tudo  
em geral. O hoje tá numa lixeira só.  
Será que do zero tudo recomeçará?  
Como manter-se vivo frente a tanta  
destruição? Matam, roubam, des-  
troem, espatifam, arrasam nas  
cidades, nos campos. Por toda parte  
só devastação. Tudo impunidade.

Planeta moribundo; é preciso gerar  
um movimento internacional a favor de  
uma total transformação de tudo de  
ponta a ponta, fora dos podres códigos  
sócio-econômicos vigentes agora,  
unindo os pólos de um desenvolvimento  
voltado para o humano e para o  
humano. Não ceder ao desgaste. Lutar,  
lutar, lutar. O que vale a vida humana?  
O poder mascara as pessoas. Decifrando  
os enigmas da vida.



Você estudou no  
Anglo,  
na década de 70?

Quer reencontrar  
amigos antigos?

Que tal fazermos uma grande festa?

e-mail para: [pooock@domain.com.br](mailto:pooock@domain.com.br)

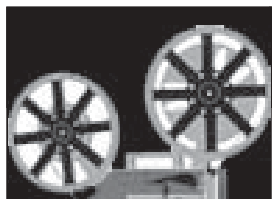


Assessoria de Imprensa  
Comunicação Interna  
Produções Gráficas  
Publicidade

Profissionais competentes  
e com experiência comprovada

2246-8253 / 2527-5519

CASA 10 • COMUNICAÇÃO [casa10@br.inter.net](mailto:casa10@br.inter.net)



Por Leonardo Luiz Ferreira - Membro da  
Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro  
email: leonardo@brasbyte.com.br

8

## Sétima Arte

# A Viagem Humana de Alexander Payne

O ano de 2005 finalmente se inicia após os festejos de dezembro e das férias em janeiro, além é claro do carnaval. A FOX lança pela primeira vez em DVD a obra-prima *Vinhas da Ira* (1940), de John Ford, um clássico absoluto sobre a formação da identidade do povo americano; e a LK-Tel, atende a tantos pedidos, e distribui *Ônibus 174*, de José Padilha, o documentário nacional mais contundente e importante da chamada retomada do cinema brasileiro, a partir de 1994. Em fevereiro também acontece o primeiro grande evento cinematográfico: o Festival de Berlim, que ocorre entre os dias 10 e 20, e culmina com a festa do Oscar, no dia 27. O circuito nacional nesse período fica repleto de filmes com indicações as estatuetas douradas, tendo lançamentos consecutivos. Até o momento, quem saiu na frente foi *O Aviador*, do grande Martin Scorsese, e *Menina de Ouro*, de Clint Eastwood, que parece não errar. E correndo por fora, como um dos azarões da temporada, *Sideways: Entre Umas e Outras*, de Alexander Payne, que pude assistir em uma sessão vazia na repescagem da Mostra de São Paulo, em novembro passado.

Alexander Papadopoulos nasceu na cidade de Omaha, que vai figurar em seus filmes, nos Estados Unidos, no dia 10 de fevereiro de 1961. Descendente de família grega, ele se formou na UCLA Filmschool, onde realiza as suas primeiras experiências com vídeo. A partir de seus primeiros curtas, Alexander vai desenvolvendo um estilo que será sua marca registrada na sua filmografia a seguir. Em seu longa de estréia, *Ruth em Questão* (1996), causa polêmica por tratar com humor negro a espinhosa temática do aborto. O *script* não moralista ataca as facções favoráveis e contrárias a prática de aborto. Inicia-se também a sua aproximação por estereótipos sociais, retratados com afetações características beirando a caricatura, mas de forma proposital. O ácido *Eleição* (1999) comprova seu talento provocador e já coloca seu nome entre os promissores do cinema americano. A história é ambientada em uma escola no momento em que se escolhe um representante para os alunos. Um professor faz de tudo para impedir a vitória de uma aluna prepotente e reacionária, interpretada por Reese Witherspoon, na atuação de sua carreira. Uma trama aparentemente simples se transforma em uma reflexão sobre interesses morais e éticos que nos regem e como o germe da deturpação de valores políticos

está instaurado desde a base até o topo.

Após um breve hiato e muitos elogios da crítica especializada, Payne, um dos poucos diretores que tem direito ao corte final em Hollywood, começa a sua nova fase de *road-movies* melancólicos que promovem o deslocamento do personagem principal com crise existencial em busca de sua identidade. O primeiro foi o bom *As Confissões de Schmidt* (2002), estrelado por Jack Nicholson, que, ao lado de Kathy Bates, segura sozinho a película, com um desfecho tocante em que Jack modifica a sua grande persona e emociona pela simplicidade. A segunda incursão é o aguardado *Sideways: Entre Umas e Outras*, que é um filme que conquista no decorrer da projeção, como se o espectador crescesse ao lado dos dois personagens durante sua jornada. Um clima sem compromisso marca uma semana de férias, para degustação de vinhos, entre dois amigos: um estressado e que ainda não superou a separação de sua esposa; e outro jovial que encara a viagem como uma despedida de solteiro, já que se casará em breve. Os opostos humanos formam o contraponto ideal para as situações que vem a seguir e as pessoas com quem vão se relacionar no caminho. A cada parada uma nova experiência regada a



discussões filosóficas que aparentam ser sobre o nada, como a série *Seinfeld* grande parte da filmografia do genial Woody Allen. O trunfo da empreitada está no elenco, que gera a empatia necessária, que tem como destaque Paul Giamatti, um ator subestimado, que já participou de diversas produções,

entretanto nunca recebeu a atenção que merecia. Isso só ocorre a partir de sua excelente interpretação em *Anti-Herói Americano*, de Robert Pulcini e Shari Springer. Ele encarna o papel do fracassado com tanto afinco que gera uma identificação por essas transversais da vida. O longa é humano, com seqüências hilárias e outras intimistas, parece até calcado em improviso, mas o produtor garante que cada fotograma projetado na telona foi pensado e executado por Alexander Payne, mais um motivo para reconhecer seu bom trabalho.

No Globo de Ouro, um dos termômetros para o Oscar, realizado no dia 16 de janeiro, o filme recebeu o prêmio de melhor roteiro. De fato, ele não deve ter muitas chances no Oscar, só na categoria de roteiro adaptado mesmo, mas merece ser visto. E a viagem continua em 2006 com o lançamento de *Nebraska* seguindo o padrão dos anteriores e fechando essa trilogia de transição e identidade.







## Dia 27 tem Oscar

### Os cinco indicados a melhor filme nas telas em fevereiro

Divulgação



Grande favorito ao Oscar, com 11 indicações, incluindo melhor filme, *O Aviador* tem estréia prevista para o dia 11 de fevereiro e conta a história de Howard Huges, playboy bilionário, cineasta excêntrico, sujeito neurótico mas, principalmente, um apaixonado por aviação. A história (real) é das boas: Hughes (Leonardo di Caprio, indicado para melhor ator) ficou milionário aos 18 anos com a herança do pai, um inventor texano. Cheio da grana, se muda para Los Angeles, onde investe na indústria do cinema e namora atrizes famosíssimas, como Katherine Hapburn (Cate Blanchett, indicada para melhor atriz) e Ava Gardner (Kate Beckinsale). Martin Scorsese concorre à estatueta de melhor diretor e Alan Alda a de melhor ator coadjuvante.

Nas telas a partir do dia 4 de fevereiro, *Em Busca da Terra do Nunca* disputa sete categorias: entre elas, melhor filme, melhor ator (Johnny Depp) e melhor roteiro adaptado. Depp interpreta o escritor escocês J.M.Barrie, o "pai" de Peter Pan, e o filme mostra como foi o processo de criação da história do menino que não quer crescer. O elenco conta ainda com Dustin Hoffman e Kate Winslet, que concorre a melhor atriz por *Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças*.

O filme de Clint Eastwood, *Menina de Ouro*, estréia dia 4 e também recebeu sete indicações: entre elas, direção e ator para Eastwood, filme, atriz (Hilary Swank), ator coadjuvante (Morgan Freeman) e roteiro adaptado. *Menina de Ouro* é uma dolorosa história de amor entre um treinador de boxe (Eastwood) e uma jovem boxeadora (Swank).

Outra produção bem cotada que estréia dia 4 é *Ray*, com 6 indicações. As mais importantes são filme e ator (Jamie Foxx). Recheado de canções, o drama conta a vida de Ray Charles, uma lenda musical que trafejou como poucos no *jazz, rhythm & blues, rock and roll, gospel, country & western*. O preconceito contra a cor e a cegueira, a luta contra as drogas e os casos amorosos também são abordados. Jamie Foxx concorre a outro prêmio, o de melhor ator coadjuvante em *Colateral*.

E no dia 18, entra em cartaz *Sideways (Entre Umas e Outras)*, que concorre a cinco Oscar: filme, roteiro adaptado,

direção (Alexander Payne), ator coadjuvante (Thomas Haden Church) e atriz coadjuvante (Virginia Madsen). O tema central é a mudança de vida de dois amigos depois que eles conhecem duas mulheres durante uma viagem pelas vinícolas da Califórnia.

O brasileiro *Diários de Motocicleta*, de Walter Salles, concorre a duas estatuetas: melhor roteiro adaptado e melhor canção. *Olga*, de Jayme Monjardim, ficou de fora. A grande festa do cinema acontece dia 27 de fevereiro. **(F.M.)**



NA PRATELEIRA

Por Leonardo Luiz Ferreira - Membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro

email: leonardo@brasbyte.com.br

Divulgação



**A SUPREMACIA BOURNE** (*Bourne Supremacy*)

Direção: Paul Greengrass Elenco: Matt Damon, Joan Allen. O cineasta britânico Greengrass ganhou força no cenário após vencer o Urso de Ouro em Berlim por *Domingo Sangrento*, reconstituição com estética de documentário de um episódio trágico na Irlanda. A sua estreia no cinema americano logo em um *blockbuster* fez pairar dúvidas. Mas ao assisti-lo elas se dissipam, pois ele conseguiu imprimir uma marca e realizou um dos melhores longas comerciais de 2004. O ritmo é vertiginoso que recebe o auxílio da câmera na mão (para traduzir a fragmentação do personagem principal). Há o clima e o charme de várias locações ao estilo de filmes do James Bond, e a película chega a emular o Frankenstein dos bons tempos com uma perseguição de carro espetacular. O script não se fixa em psicologismos baratos nem força a causa x consequência. É a busca da identidade, de tentar entender o passado para viver melhor no presente. Superior ao superestimado original, que foi dirigido por Doug Liman, que agora só produz. **Cotação: bom.** EUA, 2004, Ação.

**MAR ABERTO** (*Open Water*) Direção: Chris

Kentis Elenco: Blanchard Ryan, Daniel Travis. A propaganda é a alma do negócio. Não precisa nem estudar publicidade para compreender o sentido da frase. E *Mar Aberto* é um desses casos não por causa de seu diretor, mas da distribuidora que comprou seus direitos. O longa foi apresentado sem muito alarde no Festival de Sundance, mas acabou chamando a atenção ganhando o comentário de que se tratava

Divulgação



de *"A Bruxa de Blair na água"*. A Lion's Gate se interessou e decidiu repetir a mesma estratégia de lançamento: com um *site* divulgando a história de forma realista e esperando confundir o espectador de que se trata de um documentário e não uma ficção. O resultado de bilheteria foi bom, mas o filme é uma decepção em vários sentidos e gera até revolta em grande parcela daqueles que assistem. O diretor não demonstra nenhuma habilidade, nem de composição ou direção de elenco, em filmar fora d'água e tenta apressar ao máximo o andamento para que o drama do casal perdido se inicie. E quando chega o momento não acontece nada, ele desperdiça inclusive a tensão noturna que poderia gerar, é uma

tomada com uma água-viva ali, um tubarão passando: ao largo e vários planos de discussões de namorados: Mesmo com sua curta duração, cerca de 75 minutos; é aborrecido e tedioso. O desfecho é antiespetaculoso e inesperado, mas muito pouco para se considerar. Aguarde os letreiros finais porque o diretor faz questão: de ironizar até mesmo o suspense que tentou construir. **Cotação: ruim.** EUA, 2004, Suspense.

**Do Outro Lado da Lei** (*El Bonaerense*) Direção:

Pablo Trapero Elenco: Jorge Román, Mimi Ardú / **O Pântano** (*La Ciénaga*) Direção: Lucrecia Martel Elenco: Mercedes Morán, Graciela Borges. Os dois filmes estão entre os principais responsáveis por essa onda latina que invadiu festivais e atraiu a atenção da crítica especializada. O primeiro pulsa vitalidade e mostra uma direção segura e arrojada, mesmo se tratando de um iniciante. É a visão não estereotipada, mas sim realista da polícia argentina. Nada de glamour ou exaltação da violência, só o retrato visto de dentro de uma instituição falida e sem credibilidade: O diretor confirmou o seu talento na película seguinte; *Família Rodante*, um *road-movie* sobre a família sul-americana, que será lançado em 2005, pela Europa. Filmes. Já *O Pântano* é uma película melancólica que usa a metáfora de famílias decadentes para retratar a Argentina pós-crise econômica. Um país perdido e em busca de uma nova identidade. Um imperdível retrato de uma sociedade fragmentada. O segundo longa de Lucrecia, o ótimo *Santa Menina*, será lançado também por aqui no decorrer do ano. **Cotação: ótimo.** Argentina/França, 2001-2002, Drama.

**MENINA DOS OLHOS** (*Jersey Girl*) Direção:

Kevin Smith Elenco: Ben Affleck, Liv Tyler. Foi tempo em que o trabalho do cineasta americano Smith poderia ser levado em consideração. Após o razoável *Dogma*, em que criaram tanta polêmica para nada; ele realizou o execrável *O Império do Besteirol Contra-Ataca*, sem graça, grosseiro e bem inferior aos similares juvenis do tipo *American Pie*. Abalado pela morte do pai, Kevin quis fazer um filme sério, um drama de um pai solteiro que tem que criar a filha sozinho após a morte de sua esposa. Mas ele não vai assumir como tal melodrama, de carga lacrimogênea; até porque Affleck, o pior ator-galã surgido em Hollywood em décadas, não tem presença dramática para segurar um papel desse tipo. E vai inserir diálogos maduros, como as questões relativas ao sexo; desprovidos do humor negro imaginado, bem distante de seus melhores trabalhos. Como sempre inúmeras participações especiais de seus amigos, entre eles Will Smith que consegue divulgar *Eu, Robô*, de Alex Proyas; lançado em 2004, em um filme ambientado no ano de 1998. Para recuperar seu prestígio, Smith vai filmar a continuação de *O Balconista*, o seu filme *cult* de estreia. Um sinal simples e direto de sua decadência e relevância como autor. **Cotação: ruim.** EUA, 2004, Drama.

Divulgação





## Sérgio Britto

**M**acbeth dizem que dá... aquela palavra "A Z A R". Esse medo é tradicional no teatro inglês, mas o tema *Macbeth* tem sido paixão de muitos diretores de cinema.

Quem não conhece o filme de Orson Welles? Ou o filme de Roman Polanski? Ou o filme de Kurosawa, *Ram*? E um dia essa paixão chegou à ópera.

Verdi. 1843, Verdi se declarava profundamente atraído pela obra de Shakespeare e pensava muito em *A Tempestade*, *Rei Lear* e *Hamlet*.

Quando *Macbeth* estreou em Paris, ele foi acusado de não conhecer Shakespeare. Ele respondeu então ao seu editor francês:

"Eles cometeram um grave erro a meu respeito. Pode ser que eu não tenha feito justiça a *Macbeth*, mas alegar que eu não conheço, não compreendo, ou não sinto Shakespeare, oh, não por Deus, ele é um dos meus poetas favoritos. Tenho Shakespeare em minhas mãos desde muito jovem, eu li e reli pela vida a fora".

Luchino Visconti dizia que Verdi se inspirava muito mais em personagens não positivas. Que Verdi preferia falar das derrotas, das almas solitárias, dos destinos humanos esmagados pela realidade do dia a dia. Abigail, em *Nabuco*, é uma precursora dessa linha de personagens negativas. As idéias de Verdi em relação a Shakespeare se tornaram mais forte ainda no convívio dos grandes tradutores italianos de Shakespeare, Giulio Carcano, especialmente Andréa Maffei que acabou sendo com Francisco Maria Piave, o libretista final dessa sua livre interpretação de *Macbeth*.

Deve ter sido Maffei quem fez com Verdi o primeiro roteiro desse *Macbeth*. Cortaram mais de dez personagens. Em 2 de setembro, Verdi manda esse resumo – podemos chamá-lo assim, ao seu libretista mais habitual, Francisco Maria Piave, com o recado:

"Essa tragédia é uma das maiores criações do Homem. Se não pudermos fazer dela algo grande, pelo menos, tentemos fazer algo fora do comum. O esboço é claro, não convencional, se desenvolve facilmente e é curto. Tente versos também curtos. Quanto mais curtos eles forem, maior será o efeito".

Verdi quando recebeu o primeiro libreto de Piave, escreveu-lhe uma carta terrível. Piave começou tudo, mas quando o libreto afinal foi aceito, Verdi ainda quis que Maffei reescrevesse o coro das bruxas do terceiro ato e a cena do sonambulismo.

Os cantores receberam a partitura e as exigências/conselhos/avisos/explicações dramáticas de Verdi. Foram tão detalhadas que chegaram a pedir ao intérprete de

*Macbeth* que procurasse mais representar do que cantar: "Seja mais ator, pense menos no cantor que você é!".

O segundo *Macbeth* – Para apresentar a ópera em Paris foi solicitado a Verdi um balé, como era costume na ópera francesa. Verdi recebeu o pedido e escreveu de volta: "preciso mudar muita coisa, refazer outras:

- 1) Uma ária para Lady Macbeth no segundo ato;
- 2) Reescrever várias passagens nas cenas das aparições do terceiro ato;
- 3) Refazer a ária Macbeth – 3º ato;
- 4) Revisar as cenas iniciais do 4º ato. Foi aí que ele incluiu o coro O Pátria Opressa;
- 5) Escrever um novo final para o 4º ato, fazendo com que Macbeth morra fora de cena.

O balé foi um problema sério para Verdi. O Balé deve ser, segundo Verdi, uma mistura de dança e mímica capaz de criar uma nova variedade de andamento, uma nova atmosfera, inclusive para permitir a presença de Hecate.

Os Franceses foram frios em relação a *Macbeth*. Sempre preferiram a ópera, a grande ópera francesa e o belo canto italiano. Os críticos discutiram a desigualdade estilística de Verdi.. Na Itália, um senhor de nome Fiorentino Bassevi escreveu a seguinte bobagem: "Verdi escreveu uma ópera em que o amor não é o tema central e o amor é o tema que mais se ajusta a música e a ópera". Alguém disse que Verdi não conseguiu tocar a corda da angústia. Outro disse que Verdi não fez uma ópera Shakespereana.

Em 1880, alguém já conseguia dizer que *Macbeth* era um fracasso, mas um esplêndido e interessante fracasso. Na verdade, hoje, todos reconhecem *Macbeth* como uma das grandes óperas de Verdi. Se não, vejamos:

- 1) *Macbeth* mesmo na sua primeira versão é uma nova maneira de criar o melodrama italiano;
- 2) Pela primeira vez o drama é mais importante que o vocalismo;
- 3) Acentue-se à ausência de árias e duetos de amor;
- 4) O abandono do tenor como personagem central;
- 5) A instrumentação habilmente estudada, o uso do coro e a estatura psicologicamente muito trabalhada dos protagonistas.

Hoje *Macbeth* na sua terceira versão é capaz de empolgar o público apaixonado por ópera. A genialidade de Verdi está sempre presente. E Shakespeare não foi diminuído pelo experimentalismo e ousadia de Verdi / Maffei / Piave.

## A arte do maior pintor espanhol vivo

### Antoni Tàpies expõe pela primeira vez no Rio

Chega ao Centro Cultural Banco do Brasil do Rio, depois de passar pelo de São Paulo, a primeira mostra individual do catalão Antoni Tàpies (Barcelona, 1923), considerado o mais importante pintor espanhol vivo e um dos ícones da arte de seu país, ao lado de Picasso, Dalí e Miró. A exposição reúne 100 pinturas, gravuras e pôsteres que cobrem três décadas da carreira do artista. São 21 pinturas de grandes formatos, datadas de 1971 a 2002, 54 gravuras originais, 19 pôsteres e o vídeo-documentário *Alfabet Tàpies* sobre o artista, a obra e o processo de criação, realizado em 2003. Os pôsteres são litografias originais criadas pelo pintor para eventos diversos, como a Copa do Mundo de 1982, em Barcelona, e o torneio de tênis de Roland Garros de 2000.

Expoente da chamada "pintura matérica" (densas camadas de tinta que produzem um efeito de relevo definido), Tàpies desenvolveu sua expressão a partir de uma gama de influências: da origem catalã aos afrescos românicos, do surrealismo à filosofia oriental e à ciência moderna. Alcançou estilo único na história da arte do pós-guerra. Mistura substâncias granuladas, como pó de mármore e areia, com tecido, barbante, palha. O artista de 81 anos continua a aceitar desafios em sua produção e mantém o senso de metamorfose. É nos trabalhos das três últimas



décadas que se pode testemunhar o senso peculiar de espaço, o poder de sugestão e uma qualidade extraordinária do precursor do informalismo europeu. A exposição está aberta ao público a partir do dia 1º de fevereiro até abril, de terça a domingo, das 10 às 21 horas, com entrada franca. (G.C.)

## Olhares sobre a cidade

### São Sebastião inspira trabalhos que retratam o Rio de Janeiro

São Sebastião é do Rio de Janeiro, mas é em fevereiro que é padroeiro da cidade vai ocupar o Centro Cultural dos Correios, com a mostra *A Cara do Rio*, que reúne 50 artistas com trabalhos de pinturas, gravuras, desenhos, entre outras técnicas, em

formato A4 (29,7 x 21 cm) e produzidos especialmente para esta exposição, tendo o santo como inspiração. A idéia é exibir uma crônica visual do cotidiano da cidade.

Em sua terceira edição, a mostra *A Cara do Rio* vai apresentar obras de Frank Schaeffer, Aloysio Novis, Paulo Villela, Neide Dias de Sá, Rizza Conde, Eric Collette, Fernando Duval, e Maria Verônica Martins, Marcelo Frazão entre outros. As 50 obras exibidas na exposição serão editadas em dois catálogos de cartões postais destacáveis que serão vendidos nas livrarias, instituições culturais e pontos turísticos da cidade. *A Cara do Rio* fica em cartaz de 3 de fevereiro até o dia 6 de março, de terça-feira a domingo, das 12 às 19h, com entrada franca. (G.C.)





## Martinho da Vila

### Viva João, viva!

Ouvi com bastante atenção o CD das escolas do Grupo Especial e gostei mais dos enredos do que dos sambas. A maioria são marchados e próprios para o pula-pula dos salões, não para a passarela. Isto acontece porque os compositores fazem o samba pensando em empolgar as quadras e não nos desfiles.

Quanto aos enredos, há muitos interessantes, inclusive, modéstia a parte, o que eu criei para a Vila – Singrando em Mares Bravios... Construindo o Futuro.

Desfilaremos as caravelas da Escola de Sagres e os navios negreiros. Falaremos do Chico da Matilde que fez a Revolta dos Jangadeiros, exaltaremos a Marinha Brasileira e enfocaremos a construção naval. Contaremos a história da navegação marítima, desde a Arca de Noé até os modernos transatlânticos lotados de turistas em busca das alegrias do carnaval.

Logo que idealizei o enredo, mostrei ao Joãozinho Trinta e convidei-o a realizá-lo. O gênio ficou emocionado. Disse-me que coincidentemente já havia pensado em fazer um desfile com o tema e que o seu grande sonho era fazer um carnaval na Vila Isabel e nesta escola encerrar a sua carreira. Me emocionei também.

Aí em pouco tempo ele me apresentou o projeto das alegorias. Dias após mostrou-me os desenhos das fantasias, adereços, comissão de frente. Então planejamos juntos a distribuição das alas,

mestres salas, passistas, bateria...

Fizemos reuniões com os compositores e vieram os sambas. Foi uma safra de alto nível, mas dois logo se destacaram. Aí houve um impasse. Eu preferia um e o João o outro. Decidimos não interferir e deixar os componentes escolherem livremente e eles escolheram o melhor. Realmente o melhor samba deste ano.

O mestre estava muito feliz e tranqüilo, mas teve um grave problema de saúde, permanece hospitalizado e dificilmente estará conosco na Sapucaí.

E agora José?

O Fernando Pamplona me ligou se prontificando a terminar o trabalho do seu pupilo que virou mestre, mas eu reuni a equipe de trabalho que já o acompanha há muitos anos – “são escultores, são pintores, bordadeiras, são carpinteiros vidraceiros, costureiras, figurinistas, desenhistas, artesãos... gente empenhada em construir a ilusão” e eles me tranqüilizaram: “Martinho, o João é muito transparente. Sabemos tudo o que ele pensa e podemos realizar. Só precisaríamos dele para aprovar o nosso trabalho e isso você pode fazer”

Acompanhei tudo e posso afirmar que vai ser apoteótico.

A Vila vai renascer das cinzas de maneira deslumbrante.

Viva João! A esperança não pode morrer. Isto mesmo, viva, não se entregue. Viva para ver a sua possível maior obra em desfile.





## Júri e alienígenas

### Séries campeãs de audiência nos EUA na grade da Fox

Duas séries de sucesso nos EUA estreiam no canal Fox em fevereiro: *Justiça Sem Limites* (*Boston Legal*), que mostra a vida pessoal e profissionais de advogados brilhantes, mas quase sempre desequilibrados emocionalmente, e *Taken*, produzida por Steven Spielberg, que apresenta a história de três famílias através de três gerações e seus papéis na história da abdução por alienígenas. A primeira estreia dia 11 e a segunda dia 17.

*Justiça Sem Limites* já garantiu sua primeira temporada completa e atualmente lidera a audiência em seu horário nos EUA, com uma audiência média de 12,1 milhões. *Taken* foi exibida nos EUA pelo canal pago Sci-Fi no final de 2002, sendo o programa mais visto da história do canal com média de 5 milhões de telespectadores e recebendo seis indicações ao Emmy Awards 2003, tendo levado o prêmio de *Melhor Minissérie*. (G.C.)



Divulgação



Divulgação

## Fotografia

### Lixo tatuado

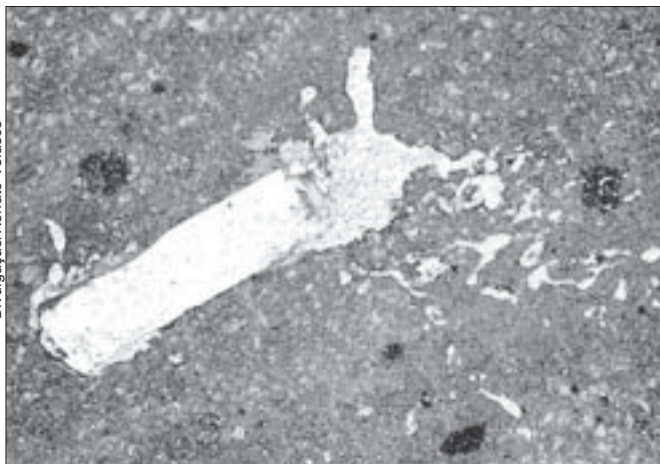
#### Fotos revelam detalhes de fosséis urbanos

Em cartaz até o dia 6 de março no Centro Cultural da Caixa, a exposição *Asfalto – Arqueologia Urbana*, de Renato Velasco, reúne 24 fotos do que

ele chama de fosséis urbanos: restos de celulares, abridores de garrafas, pontas de cigarro, tubos de tinta, abridores de garrafas, ossos, latas de bebida,

chapinhas, enfim, todo o tipo de que ficou tatuado no asfalto. Para este trabalho, o fotógrafo ficou dois anos pesquisando os cacarecos. As imagens surpreendem, e vão estar expostas no chão, pintado de preto, como se o espectador encontrasse as cenas do jeito que o fotógrafo encontrou.

O Centro Cultural da Caixa fica na Avenida Chile 230 e a entrada é franca. (F.M)



Divulgação/Renato Velasco



## Prazer em conhecer

**D**ia 18 de janeiro, o cantor pernambucano Fênix lotou o Teatro Rival para o lançamento do seu segundo CD, *Marfim*.

Cumprindo minha prazerosa rotina de registrar o trabalho de cantores em cena, confesso que fui sem grandes expectativas fotografar o "desconhecido" Fênix, de quem nada havia ouvido sobre seu trabalho. Foi um tiro no escuro.

Logo na chegada, com o show já em andamento, na sua primeira música, fui arrebatado por um som redondo e potente, levado por músicos de alto quilate e liderados por um cantor dono de uma voz quase feminina, porém firme, viril. Em nada lembra seus antecessores já consagrados, Ney Matogrosso e Edson Cordeiro, também donos de vozes de timbres elevados. Sua voz, educadíssima, tem personalidade própria e o artista não se restringe a ser um imitador ou apenas um cantor de voz fina. É muito mais.

Tudo muito equilibrado. Os instrumentos, individualmente e em conjunto, as vozes, tudo sem exagero, na medida certa.

A iluminação e as projeções, perfeitas. Como poucas vezes tenho visto, mesmo em apresentações de artistas já consagrados! Um cenário simples, mas com muita eficiência, predominando o bom gosto e harmonia.

Em cena, uma figura jovem, porém madura, de visual forte, porém delicado, canta e encanta a platéia com um repertório de MPB, travestido de uma



Ricardo Poock

roupagem pop. Interpretando com a dose certa de sentimento, sem exageros, foi aos poucos "estabelecendo contato" com o público que aplaudia calorosamente a cada música. Até que, na vez de *Nhem, Nhem, Nhem*, a conexão foi total. A pedido do cantor, a platéia generosamente fez um afinado e harmonioso coro que parecia ensaiado. Foi lindo de se ver e ouvir. Para um cantor ainda sem público formado – pelo menos no Rio – cantando uma música desconhecida. É, acho que vai emplacar.

Enfim uma renovação! Atirei no que não vi, acertei no que vi. **(R.P.)**

PARADISE apresenta  
 Mito em Cena Cia Teatral  
*A Fantasia de Pinóquio*  
 (inspirado na obra de Carlo Collodi)  
 Texto e Direção: Cláudia Lemos Pinóquio  
 TEATRO CLARA NUNES  
 (Shopping de Laranjeiras)  
 SABADOS E DOMINGOS  
 17:00 HORAS  
 Traga este anúncio e pague apenas R\$12,00\*  
 \*Preço promocional não cumulativo

  
**Buffet Ildro Rodrigues**  
 Eventos e Recepções em Geral  
 Tradição de mais de 40 anos  
 Desejamos a todos que 2005  
 seja uma festa!  
 Rua David Campista, nº 35  
 Humaitá - Rio de Janeiro - CEP: 22261-010  
 Tel.: 2539-1586 Telefax: 2527-6685

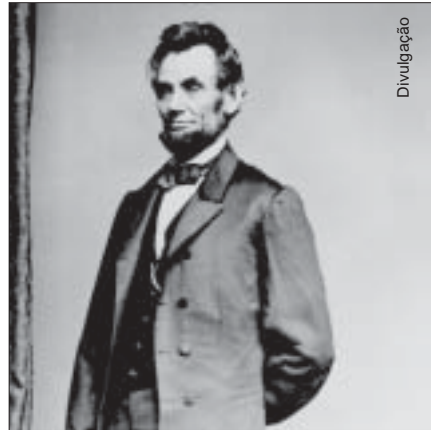


## Paulo Raider

e-mail para esta coluna: praider@ig.com.br

**PINTURAS.** “Dançando no caos urbano” é a frase mestra para descobrir os caminhos fragmentados da exposição *Pinturas*, do artista plástico Mauricio José, que acontece até 12 abril no Restaurante Grill 22, no centro da cidade. Com curadoria de Jorge Salomão, o artista apresenta oito telas em diferentes tamanhos, onde mostra para o público suas caminhadas e observações poéticas descobertas nas grandes cidades. A mostra pode ser vista de 2ª a 6ª feira, de 11 às 16h, exceto domingo.

conturbado entre um crítico de arte e uma famosa atriz. No elenco, o polêmico Paulo César Pereio contracena com Nathália Timberg e Claudia Mauro.



Divulgação



Divulgação

**LINCOLN GAY?** *O Mundo Íntimo de Abrahan Lincoln*, do escritor C.A Tripp, lançado nos Estados Unidos, causa polêmica no mundo político americano. O biógrafo afirma que o famoso ex-presidente americano era bissexual e que teve relações com vários homens, antes e durante o casamento com Mary Todd. O livro, que não tem previsão de lançamento no Brasil, vem gerando debates acirrados entre biógrafos, historiadores e o público em geral.

**VIAGEM.** O maior dos fotógrafos brasileiros, Sebastião Salgado vai participar de uma expedição da ONU em um veleiro com destino à Antártica para avaliar as mudanças climáticas do planeta. A expedição “Tara” terá apoio do Programa da ONU para o Meio Ambiente e servirá de preparação para compreender melhor os mecanismos do aquecimento que vem assustando os especialistas. Pode esperar, leitor, com certeza virá uma bela exposição do mestre das lentes.

**TEMÁTICA DIVERSIFICADA.** Uma exposição no CCBB traça um panorama da obra do mineiro Farnese de Andrade, pintor, escultor, desenhista, gravador e ilustrador morto em 1996. A mostra, em cartaz até 10 de abril, registra 50 anos de uma atividade que enfocou temas que variam do erotismo à religiosidade, do arcaico à modernidade. Imperdível.

Divulgação

**ESTRÉIA.** Manoel Carlos, autor de vários sucessos na TV Globo, dá um tempo das novelas e entra de corpo e alma nas artes cênicas. O Bergman da telinha, que já presenteou o público com textos de alta qualidade nos folhetins globais, escreve sua primeira peça teatral *OFF*, que tem estréia marcada para o mês de abril. A peça retrata o relacionamento

